



Registro de memórias locais na biblioteca escolar: um olhar para o livro artesanal da Escola Família Agrícola de Porto Nacional, Tocantins.

Registration of local memories in the school library: a look at the “craft book” of the Escola Família Agrícola of Porto Nacional, Tocantins

Marcos Felipe Gonçalves Maia¹

Universidade Federal do Tocantins

marcosmaia@mail.uft.edu.br

Larissa Medeiros Marinho dos Santos²

Universidade Federal de São João del Rei

larissa@ufsj.edu.br

RESUMO: Este artigo trata do registro de memórias locais na biblioteca escolar. Seu espaço de pesquisa foi a biblioteca da Escola Família Agrícola (EFA) de Porto Nacional, Tocantins, Brasil. Objetivou conhecer a produção de saberes locais na biblioteca da EFA de Porto Nacional. Pautado no materialismo histórico dialético faz uma leitura do conceito de biblioteca escolar tradicional e apresenta a proposta de Paulo Freire de biblioteca escolar popular, ressignificação dada à luz dos Direitos Humanos. Destaca a construção de dois livros denominados “livros artesanais” e a sua importância no processo educativo para o empoderamento dos sujeitos e da transformação da sociedade. Destaca a importância desse tipo de registro de conhecimento local ser construído com o auxílio da biblioteca escolar, fazendo desta um espaço de transformação social e não apenas de depósito de livros.

Palavras-chave: Colonialidade do saber. Registro de memórias. Biblioteca escolar.

ABSTRACT: This article deals with the registration of local memories in the school library. Its research area was the library of the Escola Família Agrícola (EFA) of Porto Nacional, Tocantins, Brazil. It aimed to identify the production of local knowledge in the library of the EFA of Porto Nacional. Based on historical dialectic

¹ Especialista em Educação e Direitos Humanos pela UnB e bacharel em biblioteconomia pela mesma universidade. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal do Tocantins.

² Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília, mestre em Psicologia Social e do Trabalho, graduada e licenciada em Psicologia pela mesma Universidade. Atualmente é Professora Adjunta do Departamento de Psicologia e colaboradora no Mestrado da Universidade Federal de São João del Rei.

materialism, it makes a reading of the concept of traditional school library and presents the proposal of Paulo Freire's popular school library, redesigned in the light of Human Rights. Highlights the construction of two books called "craft books" and its importance in the educational process for the empowerment of individuals and the transformation of society. It highlights the importance of this kind of local knowledge construction to be built in the space of the school library, making this a social transformation space and not just deposit of books.

Keywords: Colonialism. Memory registration. School library.

INTRODUÇÃO

As bibliotecas escolares estão em situação de miséria, dentre outros fatores porque a educação é tida como centrada unicamente na transmissão de conteúdo entre professor-aluno (SILVA, 1999) e devido à maneira como estão estruturadas (SUAIDEN; MACHADO, 2013). Como elas estão estruturadas? De maneira acrítica, reproduzindo o sistema técnico liberal de educação impositiva, segmentada, e como única fonte de conhecimento (QUEIROZ; MOITA, 2007). Isto significa que essa biblioteca fragmentada, deslocada da realidade local não faz mais sentido. Esta é a hipótese deste trabalho: as bibliotecas escolares estão mal utilizadas devido a sua configuração estanque, estática e desvalorizadora dos conhecimentos locais.

O universo não está ai posto em fragmentos, essa percepção é mais uma visão pontual do que uma realidade³. Várias formas de saberes, discursos e vivências chegaram à ideia de interdependência, ou seja, nada está desligado de nada, tudo está em íntima relação (CAPRA, 1989). A ciência Moderna cartesiana acredita que só ela é a ciência única e verdadeira. Porém, discursos críticos a isso vêm surgindo como o movimento feminista, os estudos coloniais e da subalternidade (SANTOS, 2004, SPIVAK, 2010) e as próprias bases da ciência vem sendo questionadas como verdades universais e imutáveis (POPPER, 1980; KUHN, 1992).

A educação sempre foi vista como uma ferramenta de ideologia, algo como uma maneira de se impor, ou manter uma ordem (FREIRE, 2005; QUEIROZ; MOITA, 2007). Repensar a educação é uma maneira de se repensar a sociedade. E construir uma nova educação é transformar a sociedade. Frente a isso, os elementos da escola, como a biblioteca, por exemplo, devem estar em análise, e no caso da biblioteca, Luis Milanesi (2002) faz uma crítica frente a existência da biblioteca somente como lastro de livros apontados pelos/as professores/as. A biblioteca, em especial a escolar, deve ser repensada tendo por base a

³ Vide a análise de Santos (2004) dos conceitos de Umma e Dharma, do islamismo e hinduísmo/budismo, respectivamente. E também a análise de Capra (1989) do que a sabedoria oriental há milênios já chegou a conclusões que a ciência moderno contemporânea conseguiu só há menos de um séculos com a Física Quântica.

cidadania global, a interdependência e a construção de uma sociedade ecossistêmica por meio da ideia de “mediação da cultura e da informação” (ALMEIDA, 2008, p. 3).

A biblioteca é vista como centro de registro da memória humana e também como centro cultural e de mediação da cultura e da leitura. Frente a isso, como está organizado e composto o acervo, e também as práticas, da biblioteca da Escola Família Agrícola de Porto Nacional, Tocantins, de maneira a representar a comunidade local a partir da perspectiva de Paulo Freire da biblioteca popular à luz dos Direitos Humanos? Assim, objetivamos neste trabalho conhecer a produção de saberes locais na biblioteca da Escola Família Agrícola (EFA) de Porto Nacional, Tocantins.

Os procedimentos de construção das informações para esta pesquisa se deram primeiramente com um levantamento bibliográfico e documental partindo em seguida para a construção de informações por meio de entrevistas não estruturadas com a equipe da biblioteca da escola e com a coordenadora pedagógica. Os registros das informações de campo foram tomados num diário de campo. Foram desenvolvidas visitas técnicas no acervo da biblioteca.

Para a construção do referencial teórico foram utilizados os seguintes critérios de busca no portal de periódicos da CAPES: primeiro buscou-se sob a expressão “biblioteca escolar” (entre aspas), o que retornou 296 artigos, assim foi peneirada a definição de biblioteca escolar aqui apresentada; depois foi pesquisada a mesma expressão com adição do nome de Paulo Freire, o que retornou 9 resultados, dos quais 7 foram utilizados nesta pesquisa; a pesquisa também contou com a busca em espanhol, resultando no mesmo número de artigos e em inglês que resultou em 42 artigos, dentre os quais todos os que foram recuperados na busca em português aqui apareceram, acrescidos de mais dois artigos em espanhol que foram utilizados nesta pesquisa.

A Escola Família Agrícola de Porto Nacional, enquanto espaço desta pesquisa, está inserida na educação no campo⁴. Fundada em 31 de janeiro de 1994 já atendeu mais de três mil estudantes. Atualmente a escola oferece a segunda fase do ensino fundamental (do sexto ao nono ano) e o ensino médio atrelado ao curso técnico em agropecuária no âmbito da pedagogia da alternância⁵. A Escola Família Agrícola do município de Porto Nacional atende

⁴ O escopo deste trabalho não foi debater a educação no campo. Para entrar em contato com a temática vide o trabalho de Kênia Chaves e Atamis Foschiera (2014).

⁵ Esta pedagogia se assenta na ideia de que o educando deve passar um período de uma semana na escola e outra no campo, em seus espaços campesinos de origem (CHAVES; FOSCHIERA, 2014).

famílias de 39 municípios tocantinenses; a distância geográfica entre escola/residência varia de 6 a 600km. Hoje, a escola tem 250 estudantes divididos em suas modalidades de ensino.

A biblioteca da escola está disposta em duas salas contíguas. Em uma sala está o acervo de 9 mil exemplares e na outra há mesas e cadeiras para estudo individual. O acervo é majoritariamente voltado para as disciplinas do currículo tradicional. Há livros também na temática da agropecuária e de literatura regional, de escritores tocantinenses. A equipe da biblioteca está composta por três pessoas que se dividem em turnos: matutino/vespertino e noturno.

1. BIBLIOTECA ESCOLAR

No Brasil, de acordo com Silva (2011), a biblioteca escolar surge num processo educativo religioso dos Jesuítas, dos Beneditinos, dos Franciscanos, etc. Nesse período (séculos XVI à XIX) ela se parecia mais com bibliotecas especializadas para atender as necessidades das ordens religiosas de catequizar índios e colonos. A biblioteca escolar, como conhecemos hoje, começa a se formar a partir da década de 1870.

Na sua gênese a biblioteca escolar é elitista; porém, destaca Silva (2011) que houve uma tentativa de popularização de bibliotecas nas escolas públicas, com o intuito de atender a todos, porém “menospreza-se o potencial educativo e informacional da biblioteca escolar, predominando nela, ainda hoje, a composição de um espaço qualquer, com livros de qualquer natureza, dentro da escola” (SILVA, 2011, p. 495).

A Biblioteca escolar pode ser vista a partir de uma visão tradicional, assim, ela é considerada “a que está ligada a estabelecimento de ensino, fundamental ou médio, destinada a alunos e professores” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 51). Para os mesmos autores, biblioteca, em sentido lato, é o conglomerado organizado de materiais informacionais. Esse conceito se aproxima do conceito organicista da definição de biblioteca de Luís Milanesi ao dizer que biblioteca é uma “forma de organização que permita encontrar o que se deseja [...]” (MILANESI, 2002, p. 12). Nessa perspectiva, aqui denominada tradicional, a biblioteca é um centro de organização dos registros da memória, histórica ou científica. Porém, surge a indagação: memória de quem, por que e pra quem?

Em especial, no caso da biblioteca escolar, deve-se ter em mente que ela está num processo educativo, e acima de tudo, que a educação não é neutra, antes é uma prática

política. A educação tem estado a serviço da manutenção do sistema político, econômico e social vigente (FREIRE, 2005; ALTHUSSER, 2001; FOUCAULT, 1984). Assim, estando a biblioteca dentro desse cenário não se pode esquecer que ela também reproduz o *status* coercitivo da educação para a manutenção desse sistema, que classifica o que deve ou não ser lido, hierarquizando o que é ou não científico (FOUCAULT, 1984).

Percebe-se na literatura e na prática educativa que há uma vaga concepção de biblioteca escolar e de sua representatividade no processo social da educação bem como sua inexistência na reflexão pedagógica (CASTRILLÓN, 2009). Ainda segundo Castrillón (2009, p. 7) esse cenário se formou devido à falência ontológica da biblioteca escolar que não consegue responder perguntas transcendentais que definam o seu fazer no processo educacional; que representações a biblioteca possui de educação e da escola e da importância desta para a sociedade e mais especificamente “a partir de que concepções, convicções e compromissos foca na cultura escrita e na informação?”. O que ela quer dizer é que a biblioteca escolar está dentro da escola, mas não está a ela integrada de maneira a transformar a realidade na qual está inserida.

A biblioteca escolar é vista como uma coleção de materiais informacionais a serviço do processo educativo (conforme destacamos acima). Entretanto, Silvia Castrillón (2009; 2011) vai dizer que é algo mais; que deve estar junto na busca e construção de uma sociedade justa e na construção de um ser humano autônomo. Aquela visão tradicional de biblioteca que guarda a memória de toda a dita “ciência verdadeira” e promove a pesquisa do que já foi produzido e registrado é baseada numa ciência impositiva e eurocêntrica de acumulação para a homogeneização do seres humanos desconsiderando a multiplicidade dos seres, dos saberes e das realidades locais (CASTRILLÓN, 2009; 2011; FREIRE, 2011). Nessa nova perspectiva, Paulo Freire (2011) propõe um novo conceito de biblioteca escolar libertadora.

Qual seria, então, as diferenças entre biblioteca tradicional e a biblioteca libertadora proposta por Paulo Freire (2011) denominada por este pensador como sendo a “biblioteca popular”? Vejamos um pequeno histórico antes de responder tal indagação.

Maria das Graças Targino (2010) traz um pequeno apanhado da história das bibliotecas: desde os tabletes de argila, passando por Johannes Gutenberg⁶ até chegar às bibliotecas com as “novas tecnologias”. No seu processo histórico a biblioteca “assimila a

⁶ Johannes Gutenberg (1398 à 1468) inventou a prensa dos tipos móveis o que fez marcar a produção em grande escala de materiais impressos dando origem a explosão da informação devido a uma imensa rapidez de produção de livros, quebrando com o paradigma copista anteriormente dominante, que era mais lento.

realidade dos diferentes períodos e assume posturas paradigmáticas distintas” (TARGINO, 2010, p. 42). **As bibliotecas tradicionais**, que acompanham o paradigma físico, ou physicalista, têm seu valor social atrelado à “dimensão fantástica de suas coleções”. **Na mudança do paradigma do acervo para a informação** as bibliotecas saem da “disponibilidade” e passam para a “acessibilidade” não importando mais “onde está a informação”, sendo atribuição da biblioteca: atender às necessidades dos usuários dando-lhes as informações de que necessitam mesmo que elas estejam fora do seu acervo; a autora chama essa biblioteca de **ação cultural**. “Isto é, a idéia de objetivação da informação, quando se atribuem significados em consonância com as demandas dos indivíduos, leva em conta tanto o repertório cognitivo de cada um como o contexto no qual está imerso” (TARGINO, 2010, p. 42).

Ela, então, finaliza seu apanhado histórico localizando a função da informação e da biblioteca na contemporaneidade:

[...] os recursos documentais são um dos mecanismos sociais de maior relevância para a preservação da memória racial e a biblioteca é um aparelho social para transferir isso ao consciente dos indivíduos. [...] a biblioteca, então, é aquela] que se dedica a reunir, organizar, disseminar e/ou até produzir o conhecimento registrado, mas, essencialmente, como serviço social de vital importância para a evolução da sociedade (TARGINO, 2010, p. 44).

O que se pode destacar de importante na digressão histórica de Targino é que ela traz o significado social da biblioteca. Essa significação social será tratada por Silvia Castrillón (2009; 2011) como sendo o poder de transformação social da biblioteca. Ela afirma que a biblioteca escolar deve ser um espaço para “olhar de outra maneira para o conhecimento e a informação, e para ressignificar a leitura e a escrita”; para isso propõe repensar a concepção de biblioteca escolar. Citando Guillermo Castán, ela afirma que a biblioteca da escola deve se fundamentar a partir do pedagógico e não do bibliotecológico, isto é, o foco da biblioteca escolar não deve ser o de se organizar eficazmente, sendo puramente instrumentalista (que seria a biblioteca tradicional), por outro lado, ela deve se fundar na finalidade de uma biblioteca escolar de **cunho novo** dentro da realidade de escolas que precisam dar respostas novas a novas realidades curriculares e sociais (e só depois se perguntar “como?”) (CASTRILLÓN, 2009, p. 10).

2. ACESSAR E PRODUZIR NA BIBLIOTECA ESCOLAR: LEITURA PARA ALÉM DO ESCRITO

A biblioteca escolar, diferentemente da sala de aula, não está inclusa nas exigências da legislação educacional, com relação a currículo, disciplinas, horas de aula e outras, assim, se enquadra como o ambiente ideal para o incentivo à prática da leitura e escrita literária, em grupo e comunidade; trabalhando assim com a imaginação coletiva, promovendo interesse mútuo e repertório compartilhado, tendo como instrumento a literatura (FURTADO; OLIVEIRA, 2010, p. 19).

Essa “liberdade curricular” da biblioteca pode ser bem utilizada para a construção de uma sociedade justa e plural. Conforme afirmam Gehrke e Bufrem (2013, p. 110) “a biblioteca escolar pode se abrir à comunidade, tanto como local de acesso e de produção do conhecimento, quanto como provocadora de práticas de escrita e leitura”. Notem que estes autores destacam que a biblioteca pode ser espaço de **acesso** e **produção** do conhecimento. Porém, o que se vê na biblioteca tradicional é mais a utilização da biblioteca como espaço de acesso e de busca, deixando a produção de lado. É possível separar isso, isto é, separar leitor de autor?

O leitor em seu processo de leitura, não vai somente decodificar sinais gráficos; passa-se pela atribuição de sentidos a tudo que é apreendido em seu processo de descoberta e de estar no mundo (VALERIO, 2009). Dessa maneira, o leitor é também considerado autor, ou seja, estaríamos aqui falando do leitor-autor já que para Castrillón (2011) a leitura sem a escrita seria apropriação parcial da cultura letrada; assim o leitor se faz no processo do ler e do escrever. Diversas possibilidades de leituras ultrapassam a sala de aula, a biblioteca e os muros da escola, estendendo-se para a leitura de mundo (FREIRE, 2005).

A biblioteca escolar tradicional tem sido espaço de leitura das palavras escritas. O filósofo espanhol José Ortega y Gasset (2006, p. 55) nos faz refletir que as palavras escritas não trazem as “intuições vivas que integram seu sentido” sendo necessário o outro para a completude desses sentidos que estão continuamente em construção. Além disso, todo texto é hegemônico e carregado de significados, valores e perspectivas ideológicas sobre o outro e o eu (OBRIEN, 2004). Assim, uma leitura mais integrativa possível de mundo precisa de outras formas de escritas, de leituras, de experiências.

Já falamos anteriormente da falência ontológica da biblioteca (CASTRILLÓN, 2009). Esta falência estaria ligada, também, a exclusividade da fonte escrita. Castrillón (2009) chama

atenção para a infinidade de fontes de leituras para se trabalhar na biblioteca e na sala de aula. Essa multiplicidade de fontes (textos, imagens, sons, tecidos, narrativas locais, etc) ampliaria a experiência do indivíduo em processo de formação educativa de maneira a experimentar a prática social e cultural de maneira mais diversa (FURTADO; OLIVEIRA, 2010; SAVIANI *apud* VALERIO, 2009).

3. A BIBLIOTECA POPULAR

Como alternativa à biblioteca tradicional no processo educativo, Paulo Freire nos apresentou o conceito de “biblioteca popular”. Essa tipologia de biblioteca escolar é, antes de tudo,

uma posição crítico-democrática [...] que prevê uma alfabetização e pós-alfabetização que impliquem esforços no sentido de uma correta compreensão do que é a palavra escrita, a linguagem, as suas relações com o contexto de quem fala e de quem lê e escreve, compreensão portanto da relação entre leitura de mundo e leitura da palavra, a biblioteca popular, como centro cultural e não como depósito silencioso de livros, é vista como fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto (FREIRE, 2011, p. 45)

A biblioteca popular Paulofreiriana é aquela que não se pauta por um modelo impositivo-colonial, que se constrói com livros vindos de fora, com uma organização e um *modus operandi* como o que está aí visto nas bibliotecas brasileiras (inspiradas nos moldes americanos e europeus). É uma biblioteca que atua como mediadora da informação e da cultura, ou seja, como centro de troca e de vivência de aprendizagens (ALMEIDA, 2008).

Ao passarmos de uma realidade onde o *mythos* dominava o *logos* foi necessário o conhecimento registrado na guardiã da memória, a biblioteca. Hoje a sociedade, para além disso, tem outras demandas. A biblioteca, assim, por ser um espaço/instituição social, deve ela se perguntar, assim como refletiu Ortega y Gasset (2006) acerca da “missão do bibliotecário”, qual seu atual papel/missão nessa nova realidade onde o registro da memória está cada vez mais condicionado ao poder de “contar/narrar/registrar a história dos vencedores”. Mais uma vez lembrando o poeta espanhol: “[...] o que o homem deve fazer, ou o que o homem deve ser, não lhe é imposto, mas proposto”. (ORTEGA y GASSET, 2006, p. 4).

Na sua “Pedagogia do oprimido”, Paulo Freire (2005, p. 32) afirma que “a humanização é vocação dos homens, mas lhes tem sido negada pela violência e pela opressão, sobrando apenas desumanização no curso da história”. Para ele, é por meio da educação

sistemática e de “trabalhos educativos”, realizados com os oprimidos, que será possível a libertação, a transformação dessa sociedade opressora (FREIRE, 2005, p. 46).

Uma proposta de Paulo Freire (2011) de trabalho educativo seria a biblioteca popular. Como foi demonstrado acima, esta concepção de biblioteca escolar, é uma proposta política, já que não há educação neutra politicamente, é uma proposta de biblioteca que quer favorecer o espaço da educação escolar enquanto prática transformadora da realidade. Ele a chama de “biblioteca popular”.

Na bibliografia levantada para a construção do referencial teórico, pode-se perceber que o conceito de Paulo Freire de biblioteca popular está sendo re-significado. Já que biblioteca popular é um tipo de coleção de acervo mantido por organização pública ou particular voltado para o atendimento de uma comunidade, não necessariamente dentro de uma escola (GOMES, 1983, p. 46). De acordo com Cunha e Cavalcanti (2008, p. 52) a biblioteca popular é sinônimo de biblioteca pública ou municipal. O destaque para a biblioteca popular, de acordo com o conceito deste parágrafo, é que ela pode ser mantida por uma associação de bairro, sindical, etc. A biblioteca popular, assim, não se compromete com o processo escolar.

O que Paulo Freire quer ao denominar de “popular” a “biblioteca escolar”, dando a esta a classificação de “biblioteca popular” é repensar o sentido de ser da biblioteca escolar, transbordar seu sentido, de simplesmente escolar, curricular, para algo mais, algo que ele convida a refletir e para além disso agir e modificar aquele espaço, que muitas vezes é tido como de depósito de livros.

4. O SABER LOCAL E A BIBLIOTECA POPULAR

Para compor seu conceito de biblioteca popular ele se assenta na ideia da não-conclusão dos conhecimentos. O conhecimento não é um dado aí, imobilizado, terminado, pronto para ser transferido “por quem o adquiriu a quem ainda não o possui” (FREIRE, 2011, p. 40). Nesse cenário existe o “caráter mágico” da palavra escrita e quem não a domina, o analfabeto, por exemplo, está fora da realidade; e para salvá-lo ele precisa saber dominá-la. Assim, a partir de um ponto de vista autoritariamente elitista, a sabedoria popular não existe, a memória do povo precisa ser esquecida, o povo é considerado tão inculto que não pode participar “ativamente da reinvenção constante da sua sociedade” (FREIRE, 2011, p. 45). Pelo contrário, ele precisaria entrar em contato com toda a cultura internacional dos letrados e

daqueles que sabem “verdadeiramente” fazer ciência, ou seja, o saber local, de vida, de cada um seria dominado.

Na luta contra isso, ele apresenta a biblioteca popular. Esta seria capaz, numa atitude crítico-democrática, de atuar na reconstrução de oralidades, registros de memórias locais, a fim de construir livretos, livros, panfletos – respeitando a sintaxe, semântica e prosódia – para serem utilizados na biblioteca mesmo e na alfabetização e pós-alfabetização.

Isso não é apenas um sonho. Tal proposta de Paulo Freire foi apresentada no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em João Pessoa, em 1982. No ano seguinte surge a reunião latino-americana para a implantação de um modelo flexível de biblioteca escolar. Chama atenção Maria Alice Barroso (1984, p. 14) que resultaram algumas conclusões do evento, dentre as quais, a de que a “biblioteca escolar deve ser entendida como um laboratório de aprendizagem integrado ao sistema educacional, devendo facilitar o acesso, a disponibilidade e a utilização de seus recursos a toda comunidade educacional”.

Biblioteca popular, biblioteca escolar, centro de recursos de aprendizagem... Não importa qual o termo utilizado para designar a coleção construída de materiais informacionais no processo educativo, vulgarmente conhecido como biblioteca. Porém, se esta for construída com a finalidade de reprodução de dominação ela perde o seu sentido social, de transformação da sociedade criada pelo próprio ser humano, assim como a biblioteca; se não for para isso, será apenas de ópio – chamada muitas vezes de leitura contemplativa, do prazer -- de adormecimento para a realidade que nos cerca, realidade violenta, que destrói, não dando espaço e nem possibilidade de se ouvirem as inúmeras bocas caladas, vozes silenciadas.

5. O LIVRO ARTESANAL COMO CONSTRUÇÃO COLETIVA DE SABERES LOCAIS

No levantamento do referencial teórico encontramos o trabalho de Marcos Gehrke e Leilah Bufrem (2013) que problematizam as bibliotecas das escolas do campo no Estado do Paraná. Juntamente com a leitura desse texto começamos a refletir sobre o papel da biblioteca no registro da memória de quem, por que e para quem. Esta pesquisa percorreu os acervos da biblioteca da Escola Família Agrícola de Porto Nacional, no estado do Tocantins.

Porto Nacional é uma das cidades mais antigas do Estado do Tocantins. Foi fundada em 1738 pelos bandeirantes na busca pelo ouro; fica às margens do Rio Tocantins e possui, de

acordo com o censo de 2014, mais de 50 mil habitantes. A Escola Família Agrícola de Porto Nacional foi fundada em 1994 por uma associação não governamental denominada COMSAUDE (Comunidade de Saúde, Desenvolvimento e Educação). A COMSAUDE, foi fundada no município de Porto Nacional em 1969 e desde então tem atuado com trabalhadores do campo.

O primeiro contato com a escola se deu com a professora de geografia da Universidade Federal do Tocantins, Carolina Machado. Fomos até a escola e conversamos com a equipe pedagógica e com a equipe da biblioteca, na pessoa do professor Hermes. Ele é professor de geografia e atua na biblioteca há dois anos.

Nesse primeiro contato foi explorado o acervo, foram realizadas conversas com alguns estudantes. Foi observada a busca pela informação e o uso do acervo. Foi feita uma busca no acervo: livros ou material informacional que tratasse de histórias, casos, registros da memória local, em diversos suportes (áudio, vídeo, mapas, pinturas). No acervo há vários livros (mais de 200) regionais. Literatura em sua maioria e alguns sobre o estudo do solo, mais focado no curso técnico em agropecuária. Todos em forma escrita em papel. Há também alguns mapas gerais e locais.

Mais especificamente em relação ao registro da memória local foram encontrados, após muita conversa com o responsável pela biblioteca, dois livros em forma de apostila (com encadernação em espiral) que traz textos produzidos pela própria comunidade escolar. O primeiro foi produzido no ano de 2003 e o segundo no ano de 2012. No ano de 2015 (ano desta pesquisa) estava em andamento uma terceira edição dessa tipologia de produção de conhecimentos. O livro de 2003 é intitulado “A colheita” e o de 2012, “Vozes do campo”.

O livro de 2003 se apresenta como sendo uma coletânea de textos com o intuito de mostrar a “produção de saberes” da Escola Família Agrícola dos estudantes do Ensino Fundamental, Médio e Profissionalizante. Suas páginas mostram saberes das mais diversas áreas: tratamento de água, associativismo, saúde pública, o sertão, o êxodo rural, a natureza, o colono, dentre outros aspectos da vida cotidiana do estudante do campo.

O “livro artesanal” de 2012 traz a seguinte apresentação:

“Este livro artesanal é resultado de um conjunto de ações enfocando o trabalho com a leitura e produção escolar, desenvolvido nas aulas de Língua Portuguesa no ano de 2012, sendo a proposta resultante de discussões entre os professores da área de linguagens da EFA com o objetivo de melhorar o desempenho dos estudantes da prática da leitura e escrita no Ensino Fundamental e Médio onde se observou uma grande dificuldade que compromete o desempenho destes

educandos em todas as disciplinas. Além disso, a entendemos que a escrita tem um objetivo, uma finalidade, ou seja, não escrevemos só por escrever. Assim, sentimos a necessidade de fazer uma coletânea dos textos produzidos pelos estudantes”

Esse “livro artesanal” se apresenta enquanto concatenação entre leitura e escritura. Rosângela Valério (2009) e Silvia Castrillón (2009) chamam atenção para essa indissociabilidade. Porém, a escrita ali trabalhada foi focada numa espécie de oficina de redação de maneira a “melhorar o desempenho dos estudantes da prática de leitura e escrita”. Assim, seu foco foi ser utilitarista para além da leitura da palavra mundo (FREIRE, 2005).

É possível perceber, ainda na apresentação do livro, que há uma concepção de que a escrita teria uma finalidade que é além do simples fato de escrever. Mesmo com a crítica do parágrafo anterior, da visão utilitarista, é possível perceber a intenção de transformar o processo de educação já que se pensa uma escrita não pelo simples fato de escrever. Não fica exposta a concepção por trás disso, mas é possível ver que há o reconhecimento dos estudantes enquanto detentores de um saber, que pode e é incentivado a ser registrado dando sentido ao aprendido (CASTRILLÓN, 2009; 2011).

Na leitura dos textos produzidos é possível perceber o que foi trazido: vivências dos estudantes em suas casas e cidades de origem, o saber não reconhecido, o saber da comunidade, o auto conhecer-se, dentre outros temas.

Como importância do registro da memória local, as obras encontradas prestam um excelente trabalho já que reconhecem as vivências desses estudantes (que passam uma semana na escola e outra nas suas comunidades de origem, ou mesmo que não de origem, porém campesina, já que a de origem pode ser muito longe, já que estes que moram muito longe são recebidos e hospedados por famílias campesinas da região de Porto Nacional). Além de reconhecer, promove que sejam elaboradas, refletidas, registradas e socializadas essas memórias e saberes.

Esse material, conforme Paulo Freire (2011), pode ser utilizado no processo de alfabetização e pós alfabetização na construção e emancipação dos sujeitos. Pensando na reconfiguração da identidade e da cultura da escola do campo (o que também serve para todas bibliotecas escolares), Marcos Gehrke e Leilah Bufrem (2013, p. 115) chamam atenção para a necessidade da “produção de acervo construída principalmente pelos sujeitos do campo”. A construção de um acervo da biblioteca a partir de textos locais dá “possibilidade de ela [a

biblioteca] escrever e colocar o escrito dos camponeses em movimento”. Seria, assim, princípio da biblioteca escolar “produzir conhecimento e colocá-lo em circulação, publicando livros, textos, boletins, folhetos e materiais de divulgação”. (GEHRKE; BUFREM, 2013, p. 117). Sempre na perspectiva do reconhecimento dos saberes locais, diversos, subalternos, esquecidos, do sul-global; de maneira a construir a emancipação e a autonomia dos indivíduos e na construção de uma sociedade justa e igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos, neste trabalho, a construção de saberes locais na Escola Família Agrícola do município de Porto Nacional, em Tocantins, de maneira a ajudar no processo de transformação da sociedade. A sociedade a qual nos referimos é a capitalista atual que está estruturada com violências simbólicas e, muitas vezes, físicas. Esta sociedade silencia vozes e saberes diversos do “cânone” sagrado do saber da ciência ocidental e cartesiana; homogeniza as pessoas por meio de seus aparatos institucionais; isso se reflete na educação, e por reprodução na biblioteca escolar.

Problematizamos a biblioteca enquanto espaço de registro da memória e, acima de tudo, como capaz de auxiliar no processo de mudança das pessoas e do mundo. A biblioteca vem registrando a memória dos vencedores, dos dominadores e deixando de lado as outras versões da história. Não há uma verdade, há verdades; no plural, porém negadas. Negadas no sentido de que somente uma versão é possível, as outras são falácias, não merecem ser ouvidas muito menos registradas. Assim, a biblioteca é aparato de manutenção do sistema vigente.

Entretanto, acreditamos numa biblioteca onde o registro do instituído é também válido, mas é ainda mais válido o processo do **ler e do escrever (do refazer) dialeticamente**; do pensar e re-pensar o lido e o adquirido de maneira a se construir novas formas de ver o mundo e de pensar nossos problemas humanos locais. A biblioteca escolar é, assim, espaço de lutas e construções. Espaço onde não há a cobrança do currículo tradicional. Espaço onde o bibliotecário (ou o professor, ou outro profissional que atue nela) pode desenvolver atividades de leituras das diversas formas de tipologias de registro da informação, além da leitura, a re-escritura dessas fontes de informação.

Encontramos na biblioteca da EFA de Porto Nacional duas obras denominadas por seus próprios criadores de “livro artesanal”. Dois livros que registraram textos produzidos pelos próprios estudantes. Ressaltamos a importância dessa atividade, porém destacamos que foi uma atividade pontual, somente uma obra publicada no ano de 2003 e outra em 2012. Tais obras, mesmo que ainda incipientes, com críticas destacadas neste trabalho, se mostram enquanto elementos de um fazer-social-profissional atento para as necessidades de transformações da sociedade no que tange à construção dos saberes locais em vista dos saberes impositivos.

Esses livros artesanais são ferramentas de luta na construção de uma sociedade diversa. Entretanto, ressaltamos que estes livros foram produzidos “nas aulas de língua portuguesa”; sendo somente depositado no acervo da biblioteca. Aqui destacamos que é a biblioteca quem deve conduzir esse processo de encontros, leituras, debates e escrituras dessas vivências de maneira a se registrar e construir seu acervo para uma prática transformadora e libertadora dos sujeitos; não ficando refém, conforme nos mostraram Marcos Gehrke e Leilah Bufrem (2013), das políticas de acervamento do Estado, que são de construção de acervos impositivos.

Como isso pode ser feito? Sugere-se aqui que seja feito um trabalho em conjunto com a disciplina de língua portuguesa para se pensar uma melhor integração entre sala de aula e biblioteca. Porém, ressaltamos que a biblioteca não deve ser vinculada somente a uma disciplina já que a proposta de biblioteca popular de Paulo Freire ultrapassa qualquer vínculo a uma única disciplina, sendo esta biblioteca um fazer político que vai além da sala de aula, extrapolando muros. Para ser esse espaço de leitura-escritura a biblioteca escolar deve promover atividades de registro das memórias e das vivências da comunidade. Registros não somente com a escrita alfabética num papel; mas escritas nas diversas formas do simbólico: a pintura, a gravura, o áudio, o vídeo, o recorte, ou qualquer outra forma re-criada para representar o saber local.

Com esse respeito à diversidade em mente, e sabendo que todo texto é hegemônico e carregado de significados, valores e perspectivas ideológicas sobre o outro e o eu (OBRIEN, 2004), uma leitura mais integrativa de mundo é possível. Para isso é preciso de outras formas de escritas, de leituras, de experiências, que a biblioteca escolar não tem feito, mas pode fazê-lo segundo uma visão humanista e existencialista, na inspiração de José Ortega y Gasset:

“[...] o que o homem deve fazer, ou o que o homem deve ser, não lhe é imposto, mas proposto” (2006, p. 4).

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Seth. Shifting the instructional paradigm: articulating a set of current practices in flipped library instruction. **Tennessee Libraries**, v. 64, issue 3, 2014. Disponível em: < http://link.periodicos.capes.gov.br/ez6.periodicos.capes.gov.br/sfx/lcl41?url_ver=Z39.88-2004&ctx_ver=Z39.88-2004&ctx_enc=info:ofi/enc:UTF-8&url_ctx_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:ctx&rft.object_id=1000000000318480&sfx.request_id=51613624&sfx.ctx_obj_item=0 >. Acesso em: 26/08/2015
- ALMEIDA, Marco Antonio de. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 1-23, 2008. Disponível em: < <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/6/12> >. Acesso em: 02/09/2015.
- ALTHUSSER, Louis. **Lenin and philosophy: and other essays**. New York: Monthly Review Press, 2001.
- BARROSO, Maria Alice. Um modelo flexível para a biblioteca escolar. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 17, n. ½, p. 12-17, jan./jul. 1984.
- CAPRA, Fritjof. **O tao da física: uma exploração dos paralelos entre a física moderna e o misticismo oriental**. Porto [Portugal]: Editorial Presença, 1989.
- CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.
- CASTRILLON, Silvia. Biblioteca escolar: un modelo legitimista o una propuesta transformadora? **Lectura y vida**, La Plata, Argentina, v. 30, n. 4, diciembre, 2009. Disponível : < http://www.lecturayvida.fahce.unlp.edu.ar/numeros/a30n4/30_04_Castrillon.pdf/view?searchterm=castrillon >. Acesso em: 24/08/2015.
- CHAVES, Kênia; FOSCHIERA, Atamis. Práticas de educação no campo no Brasil: Escola Família Agrícola, Casa família rural e escola itinerante. **Revista Pegada**, v. 15, n. 2, dez. 2014.
- CUNHA, Murilo; CAVALCANTI, Cordélia. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.
- FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Pró-Livro, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FURTADO, Cássia; OLIVEIRA, Lídia. A biblioteca escolar na formação de comunidades de leitores-autores via web. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 20, n. 1, p. 13-23, jan./abr. 2010.

GEHRKE, Marcos; BUFREM, Leilah. Apontamentos sobre bibliotecas em escolas do campo no estado do paraná. **Informa o e Sociedade**, João Pessoa, v. 23, n. 3, p. 109-122, set./dez. 2013.

GOMES, Sonia. **Bibliotecas e sociedade na Primeira República**. São Paulo: Brasília: 1983.

HERRERA FLORES, Joaquin. **La reinvenzion de los derechos humanos**. Andalucia: Atrapasue os, 2008. disponível em: <
<http://www.derechoshumanos.unlp.edu.ar/assets/files/documentos/la-reinvenzion-de-los-derechos-humanos.pdf>>. Acesso em: 07/09/2015.

KUHN, Thomas. S. **A estrutura das revolu es científicas**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2002.

MORAES, Rubens. B. de. **O problema das bibliotecas brasileiras**. Brasília: ABDF, 1983.

O'BRIEN, Bria. The school library/media center and construction of the subject. **Progressive Librarian**, v. 23, Spring, 2004.

ORTEGA y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Tradu o de Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

POPPER, Karl. **Conjecturas e refuta es**. Brasília: Editora da UnB, 1980.

QUEIROZ, Cecília; MOITA, Filomena. **Fundamentos sócio-filosóficos da educa o**. Campina Grande, Natal: UEPB/UFRN, 2007.

TARGINO, Maria. A biblioteca do século XXI: novos paradigmas ou meras expectativas? **Informa o e Sociedade**, João Pessoa, v. 20, n. 1, p. 39-48, jan./abr. 2010.

SILVA, Jonathas. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil e análise da lei 12.244/10. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 489-517, jul./dez. 2011.

SANTOS, Boaventura. **O Fórum Social Mundial: Manual de uso**. Madison: [S.n.], 2004. Disponível em: < <http://www.boaventuradesousasantos.pt/documentos/fsm.pdf> >. Acesso em: 28/10/2014.

SILVA, Waldeck. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOUSA JÚNIOR, José. **Um panorama da construção histórico-social dos direitos humanos**. Material de aula, módulo 8, seção 2, especialização em educação em e para os direitos humanos na perspectiva da diversidade cultural. Universidade de Brasília, 2015.

SUAIDEN, Emir; MACHADO, Frederico. O papel da biblioteca pública e seus desafios frente aos avanços tecnológicos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25, Florianópolis, SC, Brasil, jul. 2013 **Anais...**, Florianópolis, 2013. Disponível em: < <file:///C:/Users/User/Desktop/1284-1297-1-PB.pdf> >. Acesso em: 15/10/2014.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALERIO, Rosângela. **O que é leitura?** Uma investigação interdisciplinar. 2009. Tese. (Doutorado em linguística aplicada e estudos da linguagem) - PUC São Paulo, 2009.

VÉLEZ, Edima. Debe tener bases pedagógicas el bibliotecólogo dedicado a la promoción de la lectura? **Rev. Interam. Bibliot.**, Medellín, Colombia, v. 28, n. 1, enero-junio, 2005.